



AS REPRESENTAÇÕES DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E LIMA BARRETO

 Carlos Mário Paes CAMACHO*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a investigação sobre as representações das transformações urbanas do Rio de Janeiro nas crônicas de Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1888-1922). O estudo crítico das crônicas dos dois escritores fornece subsídios importantes para a compreensão das reformas urbanas e da modernização do Rio de Janeiro do final do século XIX e limiar do XX. Defende-se como hipótese central a ideia de que as crônicas dos dois escritores refletem e trazem à baila assuntos polêmicos ou passíveis de discussão da realidade econômica, política, social e cultural do Rio de Janeiro em tempos de transformações urbanas. Como uma segunda hipótese, acredita-se que, ao tornarem palco de suas crônicas uma cidade que estava sendo radicalmente modificada os autores representaram uma das facetas do cotidiano carioca notadamente os progressos tecnológicos e a marginalização de amplos setores da população.

Palavras-chave: Representações. Modernização. Cidade. Literatura. História.

1. INTRODUÇÃO

Um importante caminho para o estudo da criação literária são as crônicas, as publicações na imprensa, que oportunizam ao pesquisador a compreensão do processo histórico e de suas representações. Deste modo, as representações da modernização da modernização urbana do Rio de Janeiro na crônicas produzidas por escritores cariocas, podem estimular os estudiosos a avaliar melhor as transformações da cidade, por intermédio da relação entre Literatura e a História.

* Pós-Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Letras e em Educação pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (USS/Vassouras). Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF/RJ).

Este artigo tem como objetivo realizar um estudo como se dão as representações das transformações urbanas do Rio de Janeiro nas crônicas Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1888-1922). Como material básico optou-se por analisar crônicas produzidas pelo autor de **Memórias póstumas de Brás Cubas** produzidas entre 1876 e 1897. No caso específico do autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, a escolha recaiu em relação as redigidas no período de 1890 a 1922. Tal conjunto de escritos permite oferecer um quadro consistente do início do processo de modernização urbana da cidade desde o final do século XIX.

Defendo como uma primeira hipótese que as crônicas dos dois escritores cariocas refletem e trazem à baila assuntos polêmicos ou passíveis de discussão da realidade econômica, política, social e cultural do Rio de Janeiro em tempos de transformações urbanas. Como uma segunda hipótese, acredita-se que, ao tornarem palco de suas crônicas uma cidade que estava sendo modificada por obras de modernização os autores representaram uma série de assuntos pertinentes ao cotidiano carioca, dentre eles os progressos tecnológicos e a marginalização de amplos setores da população carioca.

2. CRÔNICA, LITERATURA E HISTÓRIA

O escritor que tece o texto ficcional retira do seu contexto social e histórico as informações que utiliza para a criação dos personagens e suas respectivas linguagens. Além disso, o pesquisador da literatura e das demais áreas das ciências humanas que se ocupam do texto literário para a compreensão das sociedades humanas acabam, na verdade, produzindo representações¹ sobre o objeto estudado.

Afrânio Coutinho (2008, p. 99), no livro intitulado **Notas de teoria literária**, classifica a crônica como vinculada a um gênero ensaístico ou discursivo, porque

¹ O uso da literatura para o exame das representações feitas pelas sociedades humanas, através dos tempos, desperta, cada vez mais, o interesse de muitos estudiosos. A noção de representação que vem sendo utilizada pelos historiadores vinculados à História Cultural também está sendo usada pelos estudiosos da literatura, contribuindo, assim, para uma aproximação cada vez maior entre a Literatura e a História. Posto isso, é importante sublinhar outrossim que no Brasil dos anos de 1980 e 1990, o livro de Nicolau Sevcenko (2003), **Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República**, publicado pela primeira vez em 1983, apontou uma série de caminhos para o historiador, no que diz respeito à utilização do texto literário para a compreensão do processo histórico, favorecendo assim, o fim de uma série de resistências da parte de muitos historiadores em relação ao texto ficcional.

tem como base a exposição direta da visão do autor. No que tange ao sentido etmológico cujas origens remontam à Grécia antiga crônica vem de *Khromos* que significa tempo (Ibid.). No que concerne à língua portuguesa **crônica** e **cronista** são utilizados como um gênero literário vinculado ao jornalismo. Além disso, segundo o autor, a crônica como gênero literário preocupa-se com assuntos que, no cotidiano, são caracterizados como efêmeros. O cronista retira passagens ou fatos do dia a dia² que, muitas vezes, passam despercebidos pelas pessoas. Há de se acrescentar que em sua essência a crônica possui uma natureza literária e uma outra ensaística (Ibid.).

Jorge de Sá, sustenta que o cronista é um artista, na medida em que capta do cotidiano, aspectos singulares que são construídos artisticamente, por intermédio da palavra. Pode-se inferir, portanto que o cronista estabelece uma relação íntima com o leitor que vê pelas lentes do escritor uma cidade que, na maioria das vezes, ele não vê. O cronista, desse modo, representa o cotidiano da cidade, fragmentado e aquilatado por várias experiências humanas. E, no limite, ele extrai do cotidiano a matéria-prima transformada em narrativas que compõem um texto literário.

Moisés (2004), no **Dicionário de termos literários**, assevera que o vocábulo **crônica** passou por mudanças, no que diz respeito a seu sentido. Tais mudanças estão, na verdade, em consonância com o desenvolvimento da História do mundo ocidental. Desse modo, no contexto histórico que assinalou o fim do Império Romano do Ocidente e a afirmação do cristianismo, a crônica era uma escrita organizada, a partir de relatos que eram arrumados cronologicamente (MOISÉS, 2004, p. 110). Essa representação sobre a crônica permaneceu na Idade Média. No período da História europeia que ficou conhecido como moderna (XV-XVIII), em especial no Renascimento, “o termo crônica começou a ser substituído por História” (MOISÉS, 2004). No século XIX, a crônica passou a ser identificada como uma escrita literária. A crônica no sentido literário disseminou-se como rapidez na Europa e no Brasil.

² No livro **A crônica na Literatura Brasileira**, William Valentine Redmond (2008) sublinha o seguinte sobre o sentido da crônica: “A crônica, em seu sentido geral, é um breve comentário sobre algum fato do cotidiano. Trata-se de um gênero literário produzido para ser veiculado na imprensa de finalidade utilitária com o objetivo de agradar aos leitores dentro de um espaço de mesma localização” (Ibid., p.11).

A identificação da crônica como uma escrita literária não desvincula, contudo, tal escrita de suas origens, enquanto relato do tempo que almeja captar uma série de acontecimentos. Por conseguinte, tal gênero literário é ainda um documento que resgata o cotidiano de homens e mulheres, através dos tempos. As pesquisas sobre as crônicas brasileiras fornecem não só ao pesquisador um acervo valioso para o entendimento da escrita literária, como também informações do cotidiano³ que remete o estudioso a compreender o processo histórico de uma determinada sociedade.

Diante disso, a compreensão da crônica como uma escrita literária que se preocupa com o cotidiano, inevitavelmente, mais uma vez, põe para o plano das reflexões teóricas a relação entre a Literatura e História, pois, no olhar do cronista, está implícito também o olhar do historiador. Conforme Margarida de Souza Neves (1995, p. 17), há nos cronistas de todas as épocas a ambição de “condensar na letra o tempo vivido”. O corolário disso, é a vinculação entre crônica enquanto escrita literária e escrita da História permanece e fomenta ainda mais o diálogo entre a Literatura e as Ciências Humanas em geral.

Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922) dedicaram um expressivo tempo de seu ofício literário a escrever crônica. Eles tomaram como matéria prima o fértil cotidiano do Rio de Janeiro, justamente no momento em que a cidade sofria as influências e os efeitos das reformas urbanas. Por conseguinte, pode-se afirmar que tais crônicas constituem um rico material para a compreensão de como e com que intensidade o processo de modernização, alterando a fisionomia urbana da cidade, mudou ainda o imaginário de seus habitantes, nele imprimindo novos símbolos, tais como os de progresso e civilização.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA E A URBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

3.1. A URBANIZAÇÃO CAPITALISTA E AS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS

O espaço urbano tornou-se o principal palco do desenvolvimento fabril e capitalista do ocidente, consolidando a noção de tempo útil do trabalho (DE DECCA,

³ A crônica, enquanto gênero literário, segundo Antonio Candido (1992), tem, na verdade, o cotidiano de homens e mulheres como o seu grande personagem. Assim, por intermédio das coisas aparentemente banais e efêmeras, ocorre o resgate também das relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

1982, p. 15). No século XIX, a cidade triunfou enquanto objeto de estudo nos domínios das ciências humanas.

Na tentativa de configurar algumas definições sobre o fenômeno urbano, Castells (2006), no livro **A questão urbana**, afirma, preliminarmente, na primeira parte da obra, que a expressão “urbanização” contempla dois significados específicos:

- a) o significado de “concentração espacial de uma população”;
- b) a urbanização como comportamento, igualmente a difusão de valores, a atitudes e comportamentos denominados cultura urbana” (CASTELLS, 2006, p. 39). O autor propõe que, na verdade, a cultura urbana posta em foco é aquela que está em consonância com o sistema capitalista; por isso, há uma preocupação em se investigar, em conjunto à urbanização, temas como o da industrialização.

As representações simbólicas ainda são alvos do estudo de Castells. Ele investiga o espaço urbano e as expressões simbólicas. Nesse sentido, o espaço urbano deve ser compreendido por intermédio das representações simbólicas realizadas pelos homens nas suas relações sociais no interior da cidade. Desse modo, as mudanças ocorridas nas cidades através dos tempos não se verificaram exclusivamente no tocante ao seu espaço geográfico. Também no plano simbólico, as representações que os homens efetuaram nas cidades alteraram-se com o passar dos tempos. Daí poder falar-se em cidades imaginadas e concebidas que variam de tempos em tempos (CASTELLS, 2006, p. 51).

No texto **Cidade e História**, Maria Stella Bresciani (2002, p. 17) discute o papel do saber historiográfico para a compreensão das pesquisas que giram em torno das cidades⁴. A autora defende a tese que apregoa a impossibilidade de se compreender o fenômeno urbano, a partir de um viés puramente técnico, informando ainda, que as investigações sobre a cidade devem estar em consonância com as questões pertinentes ao urbanismo. A autora, embora tenha a intenção de delimitar a cidade como objeto de pesquisa histórica, chama a atenção sobre as

⁴ José D’Assunção Barros (2007, p. 9), no livro intitulado **Cidade e História** indica que escritores e artistas no geral também se interessaram e representaram em suas obras as cidades. Por conseguinte, o interesse pelo fenômeno urbano não ficou confinado aos historiadores, sociólogos, filósofos e geógrafos.

representações literárias empreendidas sobre o espaço urbano, tomando como modelo Émile Zola⁵.

Assim como Bresciani, Sandra Jatahy Pesavento (2002) assinala a importância das representações literárias para a compreensão das cidades. O texto literário, portanto, pode ser uma chave de leitura do espaço urbano, pois formas urbanas e os personagens representam a sociedade de um determinado momento da História. O escritor, todavia, retira da cidade e do cotidiano das cidades as situações e os acontecimentos que recebem uma significação literária, ou seja, ele confere um novo sentido àquilo que é narrado, separando e aproximando, simultaneamente, a Literatura e a História, porque o texto literário não representa aquilo que aconteceu e, sim, aquilo que poderia ter acontecido. Conforme Pesavento (2002, p. 10-11):

Por princípio, definimos que há uma constatação apriorística: a história e a literatura corresponderiam a maneiras diferentes de dizer a cidade, ou a esforços para representá-la. Estaríamos, pois, diante de um patamar epistemológico básico, que partiria do conceito de representação, assumindo que as narrativas literárias e históricas implicam discursos que dão conta da realidade urbana através de diferentes caminhos metodológicos e contingências específicas do gênero.

Na obra **A cidade das letras**, que já se tornou referência para a compreensão das relações que envolvem a cidade e a literatura, Angel Rama (1983, p. 79) propõe como perspectiva a compreensão e a representação da produção literária e dos seus signos a partir do espaço urbano. O autor assinala, ainda, que a produção literária na América latina testemunhou e expressou o processo de modernização urbana das suas cidades. Dessa forma, as representações sobre esse processo variaram de intelectual para intelectual.

3.2. A URBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NOS SÉCULOS XIX E XX.

A escravidão marcou a paisagem do Rio. O trabalho escravo que era empregado em diversas atividades determinou os rumos da urbanização da cidade

⁵ Bresciani (2002, p.22) afirma o seguinte sobre a relação que envolve o espaço urbano e a literatura: "Talvez um dos romances mais completos sobre a concretização literária de uma cidade industrial seja **Le travail**, de Émile Zola (1901)".

(LESSA, 2000, p. 125). A então capital do império, além de centro político foi ainda o centro econômico e financeiro do Brasil⁶.

No Rio de Janeiro do final do século XIX e limiar do século XX, ocorreram debates sobre as relações que envolviam a questão sanitária, a gestão da ordem política e as reformas urbanas⁷. O crescimento urbano da capital do Império, segundo Sérgio Pechman e Lilian Fritsch⁸ (1985, p. 147), não teve trajetória semelhante à dos principais centros urbanos europeus e americanos do século XIX. Tal diferença deve-se ao fato de que o crescimento urbano do Rio não foi impulsionado pelo crescimento industrial. Maurício Abreu (2008, p. 43) esclarece que, de 1870 a 1902, o Rio de Janeiro experimentou a sua primeira fase de expansão urbana acelerada.

O aceleração do processo de desenvolvimento urbano no começo da década de 1870 fez com que os problemas urbanos da capital do Império se tornassem cada vez mais complexos⁹. Concomitante a isso, as epidemias cresciam, evidenciando, assim, a ineficácia do poder público, no que diz respeito à formulação de uma política pública capaz de sustentar o crescimento urbano. Países vizinhos, como a Argentina e o Uruguai, chegaram a pôr em prática medidas rigorosas em relação a embarcações oriundas do Rio de Janeiro (PECHMAN;FRITSCH, 1980). Dessa forma, a precariedade da saúde pública carioca fez com que as autoridades monárquicas se preocupassem com as relações políticas e econômicas do Brasil com os países do mundo, porque as condições insalubres acabavam por comprometer as representações que associavam a monarquia brasileira às ideias de

⁶ Carlos Lessa informa também que as relações econômicas entre as cidades mineiras e o Rio de Janeiro, favoreceram as expansões comerciais, financeiras e urbanas da cidade.

⁷ Cristiane Regina Miyasaka (2005), em texto intitulado **A Reforma urbana e o subúrbio carioca na historiografia**, apresenta um inventário sucinto sobre o estado atual da historiografia em relação às reformas urbanas no Rio. Conforme o texto, embora os trabalhos a respeito das reformas empreendidas na cidade no início do século XX sejam expressivos, poucos são os que se dedicam ao estudo das conseqüências dessas reformas na vida dos seus habitantes.

⁸ Na primeira parte do texto intitulado **A reforma e o seu avesso**: algumas considerações a propósito do Distrito Federal na virada do século, Sérgio Pechman e Lilian Fritsch (1985) informam que os problemas de insalubridade e de doenças que marcaram o Rio no século XIX eram igualmente presentes nas grandes cidades industrializadas da Europa e dos Estados Unidos. Nesse sentido, as reformas arquitetadas no continente europeu e nas cidades industrializadas norte-americanas estavam em sintonia com o objetivo de higienizar o espaço urbano. Compete assinalar a importância da presença dos ideais de civilização e de progresso como base dos discursos que justificavam as reformas urbanas.

⁹ É interessante notar que desde 1832, a Câmara Municipal do Rio já havia formulado um código de posturas com o objetivo de controlar o cotidiano dos moradores da cidade. O código ao longo do século XIX e início do século XX, passou por frequentes acréscimos.

progresso e civilização. Por tudo isso, em 1874, foi instituída uma comissão de melhoramentos da cidade, que apresentou duas propostas centrais para a modernização urbana e higienização do Rio: a) eliminar os cortiços e b) alterar a estrutura urbana da cidade, por meio de obras que eliminassem o perfil colonial que ainda aquilatava a fisionomia do Rio de Janeiro (Ibid.).

Os membros da comissão pregavam mudanças radicais no espaço urbano carioca. Um dos argumentos utilizados era o de que a cidade deveria ser preparada para as possíveis necessidades que seriam engendradas por um rápido crescimento populacional (PECHMAN; FRITSCH, 1980). Por essa razão, a eliminação dos cortiços e das aglomerações humanas que caracterizavam a cena urbana do centro da cidade, além de alimentarem a promiscuidade e a proliferação de uma série de doenças, seria fundamental para o processo de higienização e a modernização urbana. Além disso, a precariedade quanto ao sistema de esgotos e do abastecimento de água, igualmente, favoreceria a disseminação de doenças como febre tifóide e desintéria (PECHMAN; FRITSCH, 1980).

Benchimol (1992, p. 115) chama a atenção para as intervenções urbanas dos médicos e da medicina no que tange ao planejamento do espaço urbano e da modernização urbana. O discurso médico tinha como base a ideia de que o Estado deveria intervir na sociedade com o objetivo de coibir práticas que pudessem gerar doenças que atentassem contra a ordem pública. O argumento que sustentava tal discurso era o de que a “desordem urbana” promovia o aviltamento físico e moral da população carioca. Isso posto, os médicos que atuavam nos debates sobre a necessidade de reformar a paisagem urbana da capital do Brasil tinham um alvo preferido: as habitações coletivas.

Além de condenarem as condições do espaço urbano do Rio e as habitações coletivas, os médicos propunham como solução uma transformação urbana da cidade. O discurso médico acabava por convergir com o que foi formulado pelos engenheiros, intelectuais e políticos defensores das reformas urbanas no Rio de Janeiro. Esse discurso, portanto, foi eficiente, porque as suas representações sobre a situação do espaço urbano carioca permaneceram e ancoraram as reformas urbanas que foram efetuadas sobre o espaço urbano carioca na Primeira República. E, na medida em que o século XIX avançava e as novas demandas eram postas em vigor, as justificativas em relação às reformas urbanas também se impunham.

Concomitante a isso, as camadas populares¹⁰ tornavam-se alvo de tais discursos e das ações que iam sendo empreendidas pelo Estado e poder público, no que se refere às reformas urbanas.

A instituição do regime republicano no Brasil despertou, no início, um expressivo entusiasmo entre os seus defensores. Ela representava a perspectiva de se construir um novo cidadão mais preocupado com os problemas nacionais. Desse modo, o Rio de Janeiro, no início do século XX, emerge como o mais importante centro urbano do Brasil. As atenções voltavam-se, atentamente, para a capital da República (CARVALHO, 1987, p. 13).

Ao assumir a presidência da República em novembro de 1902, Rodrigues Alves¹¹ recebeu o Rio de Janeiro com uma série de problemas, entre os quais aqueles relacionados à saúde pública. Em relação ao Rio de Janeiro, o governante tinha dois objetivos: a reforma urbana e o saneamento da Capital Federal. E, para conduzir as obras que tinham como alvo a remodelação urbana da cidade, convidou o engenheiro Francisco Pereira Passos para assumir a prefeitura da então capital brasileira. O eminente engenheiro, segundo Oswaldo Porto Rocha (1995, p. 58), formou uma equipe de técnicos que, embora não fosse muito conhecida, era de notória competência. Além da indicação de Passos¹², Alves nomeou o médico e sanitarista Oswaldo Cruz¹³ para pôr em prática, na cidade, a reforma sanitária, que estava em consonância com a reforma urbana.

¹⁰ O avanço das reformas urbanas e das relações econômicas capitalistas, notadamente no limiar do século XX agravou o problema habitacional no Rio de Janeiro que afetava fundamentalmente as camadas populares.

¹¹ Rodrigues Alves que governou o Brasil entre 1902 e 1906 foi o quinto presidente da República. Os primeiros presidentes foram militares: Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Peixoto (1891-1894). O primeiro presidente civil foi Prudente de Moraes (1894-1898) que foi sucedido por Campos Sales (1898-1902).

¹² A formação intelectual e profissional, bem como as ações de Pereira Passos no contexto histórico das reformas urbanas durante o governo Rodrigues Alves foram alvos do livro: BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussman tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. É interessante assinalar que Pereira Passos acompanhou momentos das reformas urbanas do prefeito Haussmaann. Neste sentido, é consenso entre os pesquisadores que as reformas que alteraram radicalmente a geografia urbana parisiense serviram de modelo para as reformas urbanas empreendidas por Passos sobre o espaço urbano carioca.

¹³ Nicolau Sevcenko no livro intitulado, **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes além de revelar os motivos que contribuíram para a eclosão da Revolta da Vacina de 1904, explica a atuação de Oswaldo Cruz à frente de campanhas contra a erradicação de doenças como a varíola. Cruz, seguindo as análises de Nicolau Sevcenko (1984, p. 55) e José Murilo de Carvalho (1987, p. 94), possuía uma visão extremamente técnica dos assuntos relacionados à saúde pública, não levando em conta as repercussões que as suas campanhas tinham no interior da população carioca. Há de se acrescentar que como médico e sanitarista, Oswaldo Cruz exerceu o cargo de diretor Seroterápico de Manguinhos e era reconhecido não só dentro do Brasil, como também em outros países como grande bacteriologista.

Pereira Passos reuniu poderes ditatoriais para levar adiante as reformas urbanas. O prefeito carioca liderou uma série de ações que mudaram a paisagem urbana da cidade. Consoante Pechman e Fritsch (1985, p. 155), na visão do prefeito e engenheiro, o espaço urbano carioca precisava passar por uma grande mudança, pois havia em curso um processo de deterioração que colocava em perigo a cidade e os seus moradores.

As obras portuárias assumiram, inicialmente, um papel central, no que diz respeito à modernização urbana do Rio de Janeiro. Elas eram necessárias, na medida em que a estrutura portuária da cidade não conseguia atender às novas demandas comerciais emanadas do desenvolvimento da economia capitalista no limiar da República. O desdobramento de tais obras foi a criação de novas avenidas com finalidade bem definidas¹⁴. A avenida central que tinha a função de ligar regiões da cidade ao porto representou o processo de modernização do Rio. Nesse sentido, a sua construção, bem como o conjunto de obras realizadas pelo Estado, alijou do centro da cidade uma boa parte das camadas populares, favorecendo, então, os setores sociais vinculados ao capital comercial e financeiro¹⁵.

Diante de tudo isso, é possível afirmar que uma parte considerável dos intelectuais e escritores que viveram no Rio posicionaram-se a favor das transformações que mudavam, paulatinamente, a fisionomia da cidade. E, de modo geral, aqueles intelectuais compartilhavam de valores estéticos e literários da *Belle Époque* francesa¹⁶ e acabaram no limite, outrossim, respaldando as noções de progresso, modernidade e civilização. O Distrito Federal e boa parte dos cronistas também apoiaram o processo de modernização urbana e seus principais símbolos

¹⁴ É importante registrar que se de um lado as origens do processo de modernização urbana do Rio de Janeiro estão no século XIX, de outro ele não foi concluído no governo Rodrigues Alves. Por conseguinte, ao longo da Primeira República, a cidade passou por novas intervenções urbanas que, na realidade, foram um prolongamento das obras empreendidas por Passos. Um exemplo disso, foi o conjunto de obras realizadas pelo prefeito Carlos Sampaio para as comemorações do centenário da Independência do Brasil em 1922. (BENCHIMOL, 1992, p. 319).

¹⁵ As demolições de prédios que marcaram o processo de renovação urbana do Rio ficaram popularmente conhecidas como: o **bota-abaixo**. As consequências do **bota-abaixo** para as camadas populares foram desastrosas. As demolições dos antigos casarões ampliaram a crise habitacional e a especulação imobiliária.

¹⁶ As origens da influência da cultura francesa em relação às leites brasileiras estão no século XVIII. A França do século XVIII foi marcada pela Filosofia das Luzes, cujas origens remotas estão no mundo antigo. No entanto, o ideário iluminista começou a ser constituído de forma mais consistente no século XVII e alcançou o seu apogeu no século XVIII, na França. Há de se acrescentar que o Romantismo, o Naturalismo e o Realismo, enquanto estilos literários, favoreceram a consolidação da cultura francesa.

(VELLOSO, 2004). Os cronistas, em seus escritos, acabavam promovendo representações sobre as noções progresso, modernidade e civilização.

4. AS CRÔNICAS MACHADIANAS E LIMIANAS E AS REPRESENTAÇÕES DA MODERNIZAÇÃO URBANA DO RIO DE JANEIRO

4.1. AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS MACHADIANAS

As crônicas machadianas trouxeram à tona dinâmicas diferentes do funcionamento da cidade, que, aos poucos e a partir do final do século XIX, conviveu com transformações urbanas oriundas do processo de modernização. Símbolos emblemáticos de tal processo, como o bonde elétrico, foram representados de modo destacado.

Na elaboração de suas crônicas¹⁷, Machado coloca em ação um narrador que vai tecendo uma série de representações dos temas selecionados pelo escritor. Este é portador de vozes de indivíduos e personagens que vivenciaram a vida política, econômica, social e cultural do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, o olhar do narrador conduz o leitor a uma série de representações sobre a cidade, entre as quais as transformações urbanas que aquilataram o cotidiano dos moradores.

Ao atuar por longo tempo no jornalismo carioca, desenvolvendo, fundamentalmente, o ofício de cronista, Machado de Assis conheceu de perto todas as partes que compunham um jornal. O trabalho da redação aguçou o olhar de crítico em relação aos temas candentes que faziam parte da cidade do Rio de Janeiro, então centro político do Brasil. Podemos afirmar que o jornalismo forneceu a matéria-prima para a elaboração da grande obra machadiana. Posto isso, pode-se perguntar: como entender, por meio das crônicas, as possíveis representações feitas por Machado de Assis, no que diz respeito ao processo de modernização urbana do Rio de Janeiro na época do período Monárquico e início da República ?

Sendo assim, apresentarei os temas presentes nas crônicas¹⁸ de Machado, a partir da década de 1870. As crônicas publicadas no ano de 1878 foram agrupadas

¹⁷ Todas as crônicas utilizadas foram retiradas da edição **Machado de Assis: obras completas**, cuja organização coube a Afrânio Coutinho (2004).

¹⁸ A nota editorial presente no primeiro volume da nova edição da obra completa de Machado de Assis publicada pela editora Nova Aguilar que consta de quatro volumes publicados recentemente informa que o escritor foi autor de 610 crônicas.

e ficaram conhecidas como **Notas semanais**. E, conquanto os temas ainda fossem múltiplos, questões relacionadas à nova sociedade e que estavam sendo gestadas no interior da sociedade escravista, tais como o trabalho, a liberdade e a ciência, abriram espaço para uma discussão mais apurada sobre as transformações urbanas, econômicas e sociais da cidade do Rio de Janeiro. Por conseguinte, já na crônica de 2 de junho de 1878, Machado identifica os Estados Unidos e a cidade de Nova York como palco de transformações urbanas. Tais mudanças, que são associadas a construções de novos prédios, bem como aos progressos oriundos dos novos meios de navegação, fazem com que o cronista informe ao leitor que os exemplos do progresso técnico e urbano terão repercussão no Brasil.

A crônicas publicadas entre 1883 e 1886 ficaram conhecidas como bala de estalo. Confeccionadas em um contexto histórico caracterizado pelo processo de decadência da Monarquia, elas acabaram por privilegiar temas políticos. O cronista, na verdade, faz poucas referências às questões atinentes ao espaço urbano, embora na primeira crônica, datada de 2 de julho de 1883, faça uma série de recomendações sobre as posturas dos cidadãos no interior dos *bonds*, chegando a orientar os usuários sobre a atenção a vários procedimentos no interior desse meio de transporte¹⁹. É digno de registro fazer uma alusão à crônica de 23 de outubro de 1883, que trata da questão da vinda de trabalhadores chineses para o Brasil. Tal assunto está inserido em um debate mais amplo, que tem como objetivo a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Embora a questão do processo de modernização urbana não esteja presente na crônica em questão, há de se considerar que as discussões e representações em torno da imigração sempre tiveram como parâmetro a constituição de um mercado de mão de obra livre. Cumpre ainda assinalar que a questão racial está em torno dos debates sobre a imigração.

Na crônica de 12 de abril de 1888, o cronista trata de temas diversos: desde o mau funcionamento dos *bonds* que se impunham como meio de transporte cada vez mais, passando pela notícia de um crime, indo até uma obra de História ! O cronista associa o não cumprimento das posturas municipais, no que tange ao

¹⁹ O cronista elenca dez artigos que deveriam orientar os passageiros. Alguns chegam a ser curiosos e engraçados como os que abordam os **encatarroadas**, da posição das pernas e da leitura dos jornais.

funcionamento dos *bonds*. Mais uma vez, antecipa e representa, em suas crônicas, posturas e valores que eram associadas à ideia de civilização e que ganharam fôlego no auge do processo de modernização urbana da cidade do Rio de Janeiro. O olhar do cronista tinha como alvo a discussão de valores morais, que acabavam por estar em conformidade com o modelo de civilização almejado pelas elites dominantes do Rio.

Na crônica de 2 de outubro de 1892, Machado volta a abordar a questão dos *bonds* elétricos no espaço urbano carioca. A rapidez desse meio de transporte para a época é ressaltada pelo cronista. A presença e a evolução dos *bonds*, alterando, assim, a rotina e o tempo de parte da população do Rio, transformam a cidade.

Na crônica de 6 de outubro de 1892, Machado constrói comentários e reflexões sobre a arquitetura urbana do Rio. Ele visita regiões da cidade e medita sobre a história de monumentos e prédios. O largo do Machado e a Matriz da Glória são apreciados, talvez pelo seu sentido histórico, buscando esclarecer como historiador tenta explicar as origens da torre da Igreja da Glória. Percebe-se então, que as representações engendradas pelo cronista sobre tais monumentos são realizadas em uma cidade em que, já no final do século XIX, convive com um aceleração de mudanças concernentes ao espaço urbano.

Na crônica de 18 de dezembro de 1892, o autor de Memórias póstumas de Brás Cubas faz referências à aglomeração de pessoas pelo centro da cidade. O cronista parece estar atento a todos os gestos e comportamentos que podia capturar com o seu olhar. O movimento de homens e mulheres intrigava o cronista, que passou a conjecturar a respeito do que estava acontecendo. Assim, depois de apontar várias situações possíveis, revela que se trata do Encilhamento²⁰. Dessa forma, a crônica representa o **frenesi** gerado por aqueles tempos em que muitos

²⁰ Rui Barbosa, ministro da fazenda nomeado por Deodoro da Fonseca implementou medidas econômicas que tinham como finalidade precípua modernizar a economia, por intermédio do desenvolvimento industrial. Para pôr em prática as novas medidas o caminho estabelecido foi o seguinte: estimular e desenvolver o crescimento industrial, através da emissão de dinheiro por bancos autorizados pelo governo. A criação de empresas **fantasmas** e o aumento da inflação são dois resultados visíveis da primeira grande medida econômica republicana. Bosi (2006, p. 61), faz alusão a uma crônica de **A Semana** publicada por Machado sobre o clima econômico nos primórdios do regime republicano: “A República triunfou, mas não trouxe apenas vereadores ruidosos que deram o tom dos debates das novas tendências. Os tempos novos viam também a ciranda financeira, o encilhamento, com a sua pletera de emissões, crédito luxuriante, jogatina, falências em cadeia. A cena política desloca-se da arena parlamentar para as companhias, os bancos, a Bolsa. Tudo é questão mais ou menos papel-moeda.”

queriam alcançar a riqueza de maneira rápida, antecipando o que aconteceria na cidade, com a antecipação do processo de transformação urbana, que foi liderado por grupos políticos e econômicos os quais promoveram a especulação financeira. A ironia presente nos textos revela uma possível desconfiança do cronista quanto aos rumos da trajetória da cidade em um futuro próximo. Arriscamos dizer que os tempos de Encilhamento a que Machado faz alusão, quase que frequentemente em suas crônicas, foi uma espécie de ensaio para os tempos que marcaram a história do Rio de Janeiro, a partir do governo Rodrigues Alves e da administração Passos.

Na crônica de 29 de janeiro de 1893, Machado faz uma referência ao prefeito Barata Ribeiro, responsável pela erradicação do cortiço mais famoso da cidade: Cabeça de Porco. O cronista exalta a ação dos agentes do prefeito que puseram em prática ações que se tornaram corriqueiras no tempo de Pereira Passos²¹. De um lado, se o cronista refere-se aos prédios e monumentos antigos de maneira respeitosa, reconhecendo a sua importância para o passado da cidade, de outro, ao expor a situação do cortiço que abrigava grupos sociais populares, de outro, tinha uma visão negativa daquela localidade, como base em um discurso médico, que considerava as habitações coletivas como uma ameaça à saúde pública. Também aí as representações do cronista estão em consonância com um discurso que respaldou as intervenções urbanas e as ações dos higienistas do poder público sobre o Rio de Janeiro. Desse modo, o escritor, além de perceber que o Rio estava passando por mudanças, comportou-se de forma cautelosa, na medida em que nutria grandes esperanças quanto ao comportamento humano. O desdobramento disso seria um sentimento ambíguo: se, de um lado, Machado representava as transformações urbanas do Rio de Janeiro como algo natural, de outro ele não compartilhava a euforia de muitos escritores em relação às intervenções urbanas que alteraram paulatinamente a fisionomia urbana da cidade.

Em 23 de agosto de 1896, Machado de Assis publica uma crônica que busca refletir a respeito da relação entre câmbio e a especulação na vida urbana do Rio. Palavras como “câmbio” e “ações”, que foram popularizadas, na verdade, na época

²¹ Nas palavras do próprio cronista sobre o papel desempenhado pelas autoridades municipais: “Lá estavam para fazer cumprir a lei a autoridade policial, autoridade sanitária, a força pública, cidadãos de boa vontade, e cá fora é preciso que esteja aquele apoio moral, que dá a opinião pública aos varões provavelmente fortes” (ASSIS, 2004, p. 567).

do Encilhamento, tornaram-se comuns no comentário das pessoas no dia a dia. Segundo o cronista:

Enquanto seguia na direção da Rua Primeiro de Março, ouvia falar do câmbio. Quase a dobrar a esquina, um homem lia a outro as cotações dos fundos. Tinham-se vendido ações do Banco Emissor de Pernambuco a mil e quinhentos; as debêntures da Leopoldina chegaram a obter seis mil setecentos; das ações da Melhoramentos do Maranhão havia ofertas a quatro mil e quinhentos, mas ninguém lhes pagava. Dobrei a esquina, entrei na Rua Primeiro de Março, de ouro, muita libra, muito franco, muito dólar, tudo empilhado, esperando os fregueses (ASSIS, 2004, p. 725-726).

Por fim, o avanço de uma economia capitalista e de mercado, em uma sociedade que superou uma estrutura econômica e social escravista, gera, inevitavelmente, entre as pessoas, novos costumes e comportamentos, sendo que um dos mais evidentes é o de sobreviver e de sobrepor aos outros. O centro da cidade, que passou por uma intervenção drástica, outrossim, conviveu com novos personagens que representavam atores sociais da nova realidade econômica e social. Ou seja, a movimentação em torno das ações e das especulações financeiras, além de confirmar o avanço do processo de modernização do Rio, gera novas atitudes e representações no que diz respeito à sociedade. O corolário disso é a ideia de que a sobrevivência das pessoas depende da astúcia e da iniciativa individual. O dinheiro e as movimentações em torno dele orientaram costumes e as representações que os grupos empreenderiam sobre a cidade, sobretudo a partir do final do século XIX.

4.2. AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO

As pesquisas que têm como objeto de estudo as crônicas de Lima Barreto revelam que o escritor estava bem sintonizado com as questões do seu tempo. É interessante notar, que número expressivo de crônicas, produzidas pelo escritor referem-se ao processo de modernização urbana do Rio de Janeiro.

Sobre as representações limianas do processo de modernização urbana carioca, Carvalho (1994, p.110) afirma inicialmente, que Lima Barreto posicionou-se de modo contrário à maioria dos intelectuais que alimentavam uma espécie de ufanismo às reformas urbanas. O escritor percebeu que as mudanças impulsionadas pela modernidade e transformações urbanas ensejaram a lassidão das redes de

convivência e do aviltamento da vida humana e política no interior da então capital da República (CARVALHO, 1994, p. 114).

As representações que o escritor fez sobre as intervenções urbanas no Rio sinalizam, de modo peremptório, a preocupação do escritor quanto aos equívocos cometidos por governantes, no que tange à execução de políticas públicas no Brasil. Dessa forma, questiona-se: como compreender, por meio de crônicas, as possíveis representações feitas por Lima Barreto, no que diz respeito ao processo de modernização urbana do Rio de Janeiro da Primeira República ?

O **convento**, crônica²² publicada no jornal Gazeta da Tarde, em 21/07/1911, tem como tema central a derrubada de prédios históricos. O cronista critica a conduta de pessoas que, em nome de uma modernidade que apelava para a construção de prédios novos, acabava por ser conivente com a destruição de prédios antigos que faziam parte da memória da cidade. Os nomes de Pereira Passos e Paulo Frontin, engenheiros, protagonistas e defensores da modernização urbana, também são lembrados. O escritor discute, ainda, que a derrubada de um prédio antigo implica também uma questão:

Não sei bem que vantagens trarão tal coisa. Se, ao menos, fôssemos levantar ali um Louvre, um Palácio dos Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse contentamento que vai pela alma dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretencioso e pífilo, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser a natureza altamente artística. Uma coisa vale a outra (BARRETO, 2004, p. 99).

Depreende-se, então, que o erro maior, nesse caso, não seja o de simplesmente derrubar o convento e sim substituí-lo por outro edifício que não contribuirá com o conjunto arquitetônico da cidade. Portanto, o cronista, por mais que reconheça a importância desse prédio histórico, não assumiu, nessa crônica, uma postura radical, no que diz respeito a um caso ou episódio que ilustra o processo de modernização urbana do Rio.

Na última parte da crônica, Lima Barreto reconhece que os monumentos históricos trazem a marca do seu tempo. Eles são como atestados da história de um povo. Tal reflexão é utilizada pelo cronista como argumento daquilo que o autor denominou “furor demolidor” (BARRETO, 2004, p. 100). O cronista acaba por

²² Todas as crônicas utilizadas foram retiradas da edição **Lima Barreto**: toda crônica, cuja organização coube a Beatriz Resende e Rachel Valença.

construir argumentos que, na verdade, questionam uma concepção de modernização urbana a qual foi dominante: eliminar construções que eram associadas ao Rio antigo e levantar edificações que se inspiravam em modelos arquitetônicos estrangeiros. Por último há a constatação de que a derrubada dos prédios antigos, portadores da memória carioca, estava diretamente relacionado aos interesses do capital especulador imobiliário que paulatinamente alterava a fisionomia da cidade.

Na crônica intitulada **As enchentes**, publicada no **Correio da Noite**, em 19/01/1915, o autor critica, mais uma vez, o poder público, na medida em que ele se preocupa com a aparência e não com as necessidades reais e de fato da cidade. As chuvas de verão, conforme assinala o cronista, prejudicam o conjunto da população. E, para piorar as coisas, o poder público carioca não tem um plano para solucionar o problema. Nessa pequena crônica, mais uma vez, evoca o nome de Pereira Passos para assim se posicionar: “O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio” (BARRETO, 2004, p. 159). O cronista chama a atenção também do leitor para as administrações municipais que se preocupavam mais com a parte estética do que com os problemas prementes que afetavam a vida dos cidadãos cariocas. Por fim, desvela ao leitor os verdadeiros propósitos do processo de modernização urbana: priorizar grupos minoritários privados, entre os quais os que estavam ganhando com a especulação imobiliária, que era beneficiada como obras feitas com o dinheiro público.

Em 15/09/1917, foi publicada em O Debate a crônica intitulada, “Sobre a carestia”. O cronista faz referência a greves²³ que estão acontecendo em partes do Brasil, motivadas pela crescente carestia de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Ele chama a atenção do leitor para o papel do capitalista, o especulador responsável pela falta de alimentos para a população mais pobre. Nas palavras do próprio cronista:

Nunca o Brasil produziu tanto e nunca foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando o dobro. Quem ganha ? O capitalista. Ele e unicamente ele,

²³ Lima Barreto viveu em um contexto histórico marcado pelo crescimento operário. A classe operária cresceu com o avanço da marginalização. Além disso, a crescente mobilização política foi ainda resultado da marginalização política e social a que estavam submetidos os trabalhadores urbanos.

porquanto o fisco mesmo continua a receber ou quase o mesmo que antigamente (BARRETO, 2004, p. 285).

O cronista revela que o poder público o qual patrocina o processo de modernização urbana é o mesmo que permite que os grupos capitalista especulem com o alimento da população. Por isso, o cronista usa palavras como ganância, cinismo e desfaçatez para revelar, mais uma vez, a execução de uma política dirigida para beneficiar uma minoria que igualmente se beneficia com as reformas urbanas. A crônica revela as ações de grupos capitalistas que se associam aos agentes públicos na condução da economia e do processo de modernização urbana.

O cronista²⁴ chama a atenção do leitor para a atuação dos médicos higienistas que tratavam e representavam doenças, como a varíola no Rio de Janeiro da Primeira República, por meio de um discurso autoritário. Nesse sentido, ironiza ainda os métodos dos higienistas para a erradicação das doenças: “Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc.” (BARRETO, 2004, P. 237). Depois disso, o cronista afirma que o combate as doenças que vitimavam , frequentemente, a população carioca e que essas não seriam eliminadas pelos métodos autoritários dos médicos higienistas e sim por uma política que pudesse ensejar o crescimento econômico, bem como uma melhor distribuição de recursos. Mais uma vez, as palavras do autor ilustram melhor a fragilidade do discurso médico:

Não vê que é preciso dinheiro para se ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene, entretanto, por isto ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na miséria, luta contra as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vidas senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara (BARRETO, 2004, p. 237).

A visão do cronista se contrapõe à dos médicos, na medida em que a doença passa a ser representada, a partir da esfera social, e também porque a proliferação de doenças encontra pobreza um campo fértil para a sua disseminação. Por outro lado, o discurso médico higienista, que andou de mãos dadas com os projetos de modernização urbana do Rio, acaba por justificar e até naturalizar a doença; por

²⁴ **Os tais higienistas** foi uma crônica publicada na revista Careta, em 4/12/1920.

isso, nas representações dos médicos, era necessário segregar e impor medidas mais enérgicas junto à população mais pobre para a erradicação de doenças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XIX, a crônica foi identificada como uma escrita literária, ainda que como escrita ela não tenha sido desvinculada de suas origens, enquanto relato do tempo que almeja captar uma série de acontecimentos. A popularização da crônica no Brasil esteve vinculada ao processo de modernização da imprensa. O Rio de Janeiro, sede do governo central tanto no Império, quanto na República, foi uma cidade beneficiada com o avanço da imprensa, e, por isso, talvez tenha sido o palco dos principais cronistas. A modernização da imprensa intensificou-se, simultaneamente, ao processo de modernização do Rio de Janeiro. As crônicas, portanto, constituem um meio importante para se revelar o processo literário e histórico do Rio; por isso, desvelam as representações que foram empreendidas sobre a cidade.

Machado de Assis e Lima Barreto dedicaram um expressivo tempo e seu ofício literário a escrever crônica. Eles tomaram como matéria prima o fértil cotidiano do Rio de Janeiro, justamente no momento em que a cidade sofria as influências e os efeitos das reformas urbanas. Pode-se afirmar que tais crônicas constituem um rico material para a compreensão de como e com que intensidade o processo de modernização, alterando a fisionomia urbana da cidade, mudou o imaginário de seus habitantes, nele imprimindo novos símbolos, tais como os de progresso e civilização. Sendo assim, as representações tecidas pelos dois escritores acerca das transformações urbanas da cidade estão marcadas pela presença da crítica, principalmente em relação aos problemas sociais que marginalizaram setores da população carioca. Além disso, por mais que não alimentassem nenhum otimismo quanto aos rumos das reformas urbanas no Rio, eles, no entanto, não as rejeitaram integralmente.

REPRESENTATIONS OF CHANGING URBAN RIO DE JANEIRO IN MACHADO DE ASSIS CHRONICLES AND LIMA BARRETO

This article aims to research on the representations of the urban transformation of Rio de Janeiro in the chronicles of Machado de Assis (1839-1908) and Lima Barreto (1888-1922). The critical study of the chronicles of two writers provide important information for understanding the urban reforms and modernization of Rio de Janeiro the late nineteenth and twentieth threshold. It is argued as central hypothesis the idea that the chronicles of two writers reflect and bring to the fore issues or controversial subject of discussion of economic reality, political, social and cultural Rio de Janeiro in urban transformations times. As a second hypothesis, it is believed that by making stage of his chronicles a city that was being radically modified the authors represented one facet of Rio everyday notably technological advances and the marginalization of large sectors of the population.

Keywords: Representations. Modernization. City. Literature. History.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- ASSIS, Machado de. Crônica. In: _____. **Obras completas**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Toda crônica**: Lima Barreto. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- BARROS, José D`Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. Departamento Geral de Documentação e informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BOSI, Alfredo. **Brás Cubas em três versões**: estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: História e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16-35.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CARVALHO, José de Murilo de. **Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DE DECCA, Edgar. **O nascimento das fábricas**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**: uma reflexão em busca de sua autoestima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MIIYASAKA, Cristiane Regina. A reforma urbana e o subúrbio carioca na historiografia. 8 f. Monografia de Bacharelado – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos, Universidade de São Paulo, 1975.

NEVES, Margarida de Souza. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 15-31.

PECHMAN, Sérgio; FRITSCH, Lilian. A Reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n.8, p. 45-62, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

REDMOND, William Valentine (Org.). **A crônica na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008.

ROCHA, Oswaldo Porto. **A Era das demolições**: cidade do Rio de Janeiro (1970-1920). 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930)**: mediações, linguagens e espaços. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.